

Era uma vez... Cata-ventos¹. Escuta psicanalítica de crianças e adolescentes em território de vulnerabilidade social²

Ana Maria Gageiro³, Porto Alegre
Eda Estevanell Tavares⁴, Porto Alegre
Renata Maria Conte de Almeida⁵, Porto Alegre
Sandra Djambolakdjian Torossian⁶, Porto Alegre

O presente artigo apresenta uma intervenção psicanalítica feita na Casa dos Cata-ventos, localizada em Porto Alegre, RS. Esta instituição foi inspirada nas Estruturas Dolto e, assim como a Casa da Árvore, localizada no Rio de Janeiro, trabalha com crianças e adolescentes em território de vulnerabilidade social. A complexidade da intervenção está discriminada no seu processo de invenção, na aposta da palavra como instrumento civilizatório e de abertura simbólica aos silenciamentos provocados pela violência, na escuta transferencial do brincar e das dificuldades escolares e, por último, na formação/ transmissão da Psicanálise presente em todo o projeto.

Palavras-chave: Psicanálise na cidade; Intervenção psicanalítica; Infância; Adolescência; Vulnerabilidade social

¹ Projeto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com o Instituto da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).

² Apresentado no I Simpósio de Vulnerabilidade Social e Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), *Diferenças e desigualdades*, em outubro de 2018.

³ Professora Doutora do departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e coordenadora do Projeto Casa dos Cata-ventos.

⁴ Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e do Instituto APPOA. Coordenadora do Projeto Casa dos Cata-ventos.

⁵ Médica homeopata, psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e do Instituto APPOA, coordenadora do Projeto Casa dos Cata-ventos.

⁶ Professora Doutora do departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenadora do Projeto Casa dos Cata-ventos e do Centro Regional de Referência para políticas sobre drogas, Rede Multicêntrica.

“Sobre a beleza, meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro. Ele afirmava: o nome da lagoa é Halla, é Sigridur. Ainda que as palavras sejam débeis. As palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo. Usamo-las por pura ilusão. Deixamo-nos iludir assim para não percermos de imediato conscientes da impossibilidade de comunicar e, por isso, a impossibilidade da beleza. Todas as lagoas do mundo dependem de sermos ao menos dois. Para que um veja e o outro ouça. Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. A esperança na humanidade, talvez por ingênua convicção, está na crença de que o indivíduo a quem se pede que ouça o faça por confiança. É o que todos almejamos. Que acreditem em nós. Dizemos algo que se toma como verdadeiro porque o dizemos simplesmente” (Hugo Mãe, 2017, p. 40).

1. Tempo de criação

Muitos problemas relacionados à infância têm pautado discussões relevantes no contexto brasileiro, assim como em âmbito internacional. O aumento dos índices de violência juvenil, o número crescente de jovens negros mortos na periferia brasileira, a discussão em torno da redução da maioridade penal, a precarização do sistema público de educação, as ocorrências de gravidez na adolescência, a polêmica em torno da legalização do aborto, as populações infanto-juvenis em situação de rua e o uso frequente, por parte deles, de substâncias psicoativas, a exploração sexual de crianças e adolescentes, a problemática em torno do trabalho infantil e o abandono da escola são tópicos que trazem repercussões para a vida em sociedade.

Era uma vez... Cata-ventos. Escuta psicanalítica de crianças e adolescentes em território de ...

Em 2010, sensíveis às demandas de atenção a crianças de 0 a 10 anos em Porto Alegre/RS, passamos a trabalhar na direção da clínica psicanalítica na cidade, fundamentalmente em situações de vulnerabilidade social e de violências.

A partir de diálogos e trocas feitas com psicólogos e assistentes sociais que trabalhavam nos Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), nos Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e com colegas da Universidade, entendemos que a atenção a esta faixa etária deveria se transformar no foco de nossa investigação de pesquisa.

Para tanto, decidimos nos inspirar na experiência da *Maison Verte* e da Casa da Árvore do Rio de Janeiro para implementarmos uma nova experiência de trabalho com a infância. Com tal objetivo em mente, no primeiro semestre de 2001, criamos um curso de extensão para estudar a experiência do Rio de Janeiro. A partir do encontro com professores, profissionais e estudantes, todos com desejo de intervir no cuidado à infância, nasceu, em julho daquele ano, a Casa dos Cata-ventos, cujo nome homenageia o poeta gaúcho Mário Quintana e a Casa da Árvore, nossa fonte de inspiração.

“Estamos desde então numa vila⁷ de Porto Alegre localizada numa grande avenida, próxima de shoppings, universidades e instituições do estado. Mas que, no entanto, não é vista nem reconhecida por grande parte dos que circulam pelo seu entorno” (Wottrich, 2017, comunicação verbal). Os moradores, em sua maioria, vivem da reciclagem do lixo. Alguns cantões da vila não têm saneamento básico. Eles convivem com o poder paralelo do tráfico e com abordagens policiais frequentes e muitas vezes violentas. Sobrevivem em um lugar de invisibilidade social.

A comunidade está submetida a muitas violências: ao abandono social, à força paralela do tráfico de drogas e à ação policial, que se impõe arbitrária e desumanamente tanto com adultos quanto com crianças. Neste ambiente inóspito, seus moradores encontram, como forma de resolução de seus conflitos, quaisquer que sejam eles, repetições destas vivências de violência. São territórios, espaços *potencialmente traumatizantes* pela ausência e desregulação de meios de proteção aos seus habitantes, como nos diz Paulo Endo (2005). Ali, eles não apenas estão mais vulneráveis do que moradores de outros locais da cidade como ainda precisam estar sempre alertas, e muitas vezes angustiados, frente à violência que, traumáticamente, pode irromper de maneira inesperada a qualquer momento. A violência, um elemento sempre presente de forma potencial no território, muitas

⁷ Vila é uma forma polida dos porto-alegrenses se referirem às favelas de sua cidade. Poderíamos supor que é uma palavra encobridora da dor e da exclusão que permeia o espaço urbano.

Ana Maria Gageiro et al.

vezes se reproduz nas relações das crianças com seus pares e também com os trabalhadores da Casa.

Nossa intervenção se situa na interface entre os direitos humanos, saúde coletiva, educação, assistência social e psicanálise, inscrevendo-se no *entre* esses diferentes campos. O trabalho dialoga com o contexto da cidade e habita esses territórios vivos, interagindo no espaço social como “psicanalistas da cidade” (Dolto, citado por Milman & Bezerra Jr., 2008, p. 36). Ao escolhermos priorizar crianças em situação de extrema vulnerabilidade social, expostas à violência do tráfico, maus-tratos, abusos e negligência do Estado, situamos igualmente o nosso posicionamento ético-político.

Dessa forma, encontra-se fundamentada a relevância de implementar um espaço de trabalho com crianças e com seus responsáveis em comunidades com altos índices de vulnerabilidade e violência, as quais também apresentam dificuldade de acesso às políticas de educação, saúde e seguridade social na cidade de Porto Alegre/RS. Um espaço de acolhimento, um *lugar para brincar e conversar*, em que diferentes possibilidades de convívio e intervenção terapêutica se colocam a partir da interação entre os trabalhadores e quem frequenta o espaço. O elemento novo neste projeto é a acolhida à vida comum, bem como às questões e dores ordinárias do ser humano dentro do território em que vivem.

Conforme Milman e Bezerra Jr (2008), uma das marcas essenciais desta proposta é que se trata de um experimento, e não da aplicação de um modelo. Ela compreende a sustentação de uma ética do desejo, balizada pela psicanálise, que lança mão dos conceitos de fala, linguagem, reconhecimento, ambiente, agressividade e ação como operadores de uma práxis que tem por objetivo intervir sobre a produção de subjetividade, além de evidenciar e fortalecer estratégias de enfrentamento à violência.

Como primeira estratégia, pretende-se a construção de um ambiente provisional, acolhedor, no qual possa existir sempre uma escuta disponível para permitir, com cuidado, que venham à tona dores, impasses, dúvidas e ódios que, em ambientes socialmente regulados tais como a moradia e a escola, dificilmente teriam como se expressar. Trata-se de uma estratégia movida pela ideia de *cuidado*, de continência, que torna possível o enfrentamento de conflitos e questões difíceis de serem trazidas à fala nas circunstâncias da vida cotidiana, abrindo novas significações, novas possibilidades de interação com os outros (Milman & Bezerra Jr., 2008).

A segunda estratégia é movida pela ideia de interpelação ou de responsabilização. Nesta perspectiva, o que está no centro das atenções é a necessidade de reforçar o posicionamento de mães e crianças como indivíduos

responsáveis pela sua existência e as consequências geradas por este posicionamento. Trata-se de resistir tanto às estereotípias do comportamento asseguradas por identidades cristalizadas quanto às sedutoras tentações da vitimização e de assujeitamento voluntário (Milman & Bezerra Jr., 2008).

Fazemos uma aposta no brincar, conversar e contar histórias.

A proposta da Casa dos Cata-ventos se inspira no modelo de trabalho com a infância criado pela psicanalista Françoise Dolto na França no final da década de 1970, a *Maison Verte*, modelo replicado em diversos países e contextos. As Estruturas Dolto, como ficaram conhecidas, constituem-se em um lugar de convívio, de brincar, de conversar e de encontro para crianças pequenas e seus cuidadores.

O trabalho desenvolvido se apoia em uma ética em relação à infância, tomando a criança como sujeito, tal como proposto por Dolto (1985). Levando em consideração o lugar ocupado pela linguagem para o ser humano desde o seu nascimento, a psicanalista defende o que chama de uma *humanização da pequena infância*: o respeito às crianças como seres humanos, seres de linguagem. Isso leva ao entendimento da necessidade de se poder dizer a verdade à criança, visto que ela compreende o que lhe é dito, mesmo que ainda não possua a técnica expressiva gramatical oral. Desta forma, Dolto (1985) defende a importância de se poder falar diretamente às crianças sobre o que é vivido, nomeando cada provação, significando o que lhes diz respeito e lhes interessa.

Essa ética, baseada na aposta na palavra em relação a crianças mesmo muito pequenas, é o que sustenta o trabalho das Estruturas Dolto. Oferecer significações para crianças permite que o seu cotidiano possa ser elaborado com maior facilidade e, assim, fazer com que as angústias vividas sejam significadas e elaboradas. Para Dolto (1985), os lutos e as dores vividas por crianças devem ser reconhecidas por um outro. No momento em que é falado, tornando-o comunicável a outros de modo simbólico, o laço doloroso pode ser desfeito.

A partir desses pressupostos, a Casa dos Cata-ventos se configura como um espaço para crianças no qual a palavra tem lugar de destaque.

Trata-se de uma proposta de escuta, apoiada na ética da psicanálise, que aposta no brincar, conversar, contar histórias, ler e escrever como formas essenciais aos sujeitos de se constituírem psiquicamente. Sustenta-se, pois na possibilidade de toda criança acessar seus direitos fundamentais (Gageiro & Torossian, 2016, p. 4)

Nossa intervenção consiste na aposta no valor subversivo da palavra e na sua capacidade de tirar estes sujeitos do emudecimento e da violência; escutando

Ana Maria Gageiro et al.

crianças e adolescentes como sujeitos, é possível lhes oferecer outras vias de elaborar suas dores, inquietações e maneiras habituais de reagir, não precisando ficar presos a uma repetição, mas tornando-os capazes de identificar outras versões, outras cenas possíveis, outros enredos.

Propomos um ambiente que possa cumprir a sua função, conforme nos ensina Winnicott: acolhimento e provisão, lei e reconhecimento.

As crianças e adolescentes que circulam pela Casa tem voz nas decisões, participando da elaboração e do entendimento das regras de convivência. Sustentamos um lugar que procure não encerrar a possibilidade de diálogo, sempre preservando a lei da Casa: ninguém pode ser machucado ou agredido.

Seguimos a máxima de Françoise Dolto na *Maison Vert*: não falamos de crianças, falamos com crianças!

2. Tempo de intervenção

O trabalho da Casa se organiza através de ações que se distribuem em turnos ao longo da semana. Em uma casa dentro da vila, cedida pela Associação de Moradores, ofertamos, em dias diferentes, turnos de brincadeira, de contação de histórias, grupo de adolescentes e oficina de capoeira.

Sabemos que iniciativas como o nosso projeto tem seus limites frente à complexidade de problemas de ordem estrutural que precisam ser enfrentados para que os sujeitos que habitam esses espaços saiam da exclusão em que se encontram e partilhem de forma mais ampla dos recursos (sociais, econômicos, políticos e culturais) indispensáveis à ampliação de sua normatividade social e de sua plena cidadania (Bezerra Jr., 2008, p. 19).

Não desconhecemos o risco existente, em iniciativas como a nossa, de psicologizar – ou de se incorporar a um “discurso competente”, técnico – questões e problemas que são de ordem existencial, política ou sócio-econômica. No entanto, essas questões não nos impedem de pretender, por meio da nossa proposta de trabalho, criar um dispositivo que tanto crianças quanto adultos possam utilizar para ampliar suas chances de viver do modo mais autônomo, criativo e satisfatório possível. Assim, nesse projeto, faz-se presente a junção de efeitos clínicos e políticos sem que isso seja uma bandeira da Casa.

O trabalho que realizamos se situa nas bordas da intervenção clínica, social e educativa sem se tratar propriamente de nenhuma delas, mas com certeza se

encontra balizado pela psicanálise. Não se trata de uma intervenção educativa, apesar dela poder estar presente, uma vez que consideramos que os cuidados partem do trabalho, assim como sabemos que eles podem ter valor de inscrição e papel essencial na saúde psíquica dos pequenos. Tampouco se trata de um trabalho de intervenção social, apesar da aposta realizada nos efeitos que a produção de sujeitos mais autônomos, menos conformados e silenciados pela dor, desejantes, enfim, possam vir a ter, no momento em que assumirem responsabilidades na vida social.

A Casa é um dispositivo clínico e possui uma temporalidade particular que, como reitera Bezerra (2008), é ensaio, lugar de reinvenção, de renovação da escuta e do olhar.

Françoise Dolto pensava a *Maison Verte* como um espaço de transição entre a família e a escola. Pensamos a Casa dos Cata-ventos como um lugar que promove o deslizamento da violência em direção às palavras, onde um Outro violento, sem lei, pode dar lugar a uma outra versão do Outro, social, sustentada pelos trabalhadores da Casa. Nesta perspectiva, Bezerra (1999) afirma que

Toda clínica é social e toda política diz respeito à vida subjetiva de cada indivíduo. A singularidade só pode surgir e ser experimentada no campo das relações com os demais sujeitos, campo de suas relações sociais. Estas, por sua vez, só ganham significação, só se reproduzem ou se modificam pela apreensão que os sujeitos fazem delas. (p. 20)

Sabemos que o sintoma clínico se faz na intersecção de como o sujeito resolve o seu fantasma com o discurso social. O sintoma é certamente singular, mas não é individual. Singular porque se trata da maneira como ele equaciona essa combinação, mas o sintoma é, ao mesmo tempo, coletivo e individual (Jerusalinsky, 2011). Ou nas palavras de Lacan: “Os sofrimentos da neurose e da psicose são, para nós, a escola das paixões da alma, assim como o fiel da balança psicanalítica, quando calculamos a inclinação de sua ameaça em comunidades inteiras, dá-nos o índice do amortecimento das paixões da polis” (Lacan, 1945, p. 103).

2.1. O brincar em transferência

As intervenções psicanalíticas propostas na Casa dos Cata-ventos sustentam-se no brincar e na oferta de literatura infantil como superfícies de inscrição (Rodolfo, 2004) das questões da infância, além de ter a capoeira como dispositivo da cultura.

Flesler (2012) salienta que a cena do brincar é o local preciso onde a criança

Ana Maria Gageiro et al.

joga sua existência de sujeito. Nesse sentido, a cena lúdica, assim como a sua ausência, é indicadora do modo como a criança se posiciona. A autora afirma ainda que o sujeito se efetua cada vez que diz *sim* ou *não* ao Outro. A partir de uma cena, a criança produz um texto, uma narrativa. O brincar e criação, ampliação do acervo simbólico.

Para Ernst Bloch (2005),

Brincar é transformar-se, ainda que na certeza de voltar a ser o que era antes. Brincar de ser um personagem também é brincar de não ser, é brincar com o equívoco, trabalhando com a distância entre o personagem que se finge ser e o ser mesmo. Assim, o brincar é produtor de uma ficção (p. 25).

Diante da oferta de um lugar para brincar, as crianças vão se sentindo à vontade para trazer questões próprias à infância, muitas vezes também atravessadas pelos modos de vida na comunidade:

Podemos falar dos irmãos que, junto à mãe, haviam se mudado para a Vila, fugindo de um pai violento, e que na Casa dos Cata-ventos passavam as tardes brincando de fazer mudança de casa. Ou ainda das meninas que convidavam as cataventeiras para a brincadeira de madames mandonas e empregadas – com as crianças sendo as madames e as plantonistas, as empregadas – evidenciando, pela inversão do *status*, a desigualdade social colocada. Além disso, não é raro, no entanto, apresentarem-se na Casa dos Cata-ventos situações que parecem exceder o brincar, ultrapassando suas bordas ficcionais (Costa, 2019, p. 33).

Nessas situações, entendemos que também está em jogo o encontro com um Real que não consegue ser assimilado de maneira simbólica.

Nosso trabalho se realiza entre vários modelos técnicos e, assim, utilizamos dentre eles a noção criada por Dolto de que o trabalho ocorre em função de uma *transferência com o espaço*. Partindo desse pressuposto, Beltrame e Tavares (2016) discorrem sobre algumas questões transferenciais que emergem do encontro entre o coletivo de trabalhadores desse espaço e as pessoas que vivem na comunidade. A partir disso, apontam que são atualizadas, na relação transferencial, as relações historicamente construídas entre os que moram na comunidade e os que vêm de fora, entre diferenças de classe social e diferenças raciais.

A vila parece ficar na dobra dos mundos. Somos estrangeiros. Essa posição transferencial com o território e com as crianças é extremamente delicada. Como

efeito disso, não é raro que a escuta realizada ocorra em meio a alguns percalços decorrentes de tais diferenças. Como exemplo, podemos citar as diferentes ressonâncias que o significante *cuidado* promove entre aqueles que compartilham o espaço da Casa, conforme apontado por Beltrame e Sousa (2013). Enquanto que, para a equipe, *cuidado* remete a afeto, proteção e acolhimento, para algumas crianças, ele está relacionado com a obrigação que muitos ali têm de cuidarem dos irmãos menores e com o peso decorrente dessa grande responsabilidade. Essas diferenças não são desprovidas de consequências e, conforme os autores sustentam, trata-se de fazer, no diálogo que se apresenta, uma delicada costura da significação de palavras e ações.

Existe uma diferença entre o que é tomado como violento por quem está dentro e por quem está fora da Vila. Muitas vezes, as pessoas que vêm de fora enxergam como violentas algumas situações que, para quem já está ali há mais tempo, são corriqueiras. Trata-se de uma linha muito tênue que separa uma banalização da violência de uma impregnação com aquilo que é excessivo. Além de não se deixar cegar e ensurdecer pelo que é tomado como violento, é necessário também que se tenha cautela para não reduzir os sujeitos que vivem em condições adversas a uma condição passiva, mas tratá-los como seres imersos neste fenômeno complexo e com diversas facetas que é a desigualdade social.

Conforme aponta Rosa (2002), a escuta psicanalítica de sujeitos que se encontram em tais situações impõe certos impasses. A autora compreende que este tipo de escuta esbarra no horror do confronto com o estranho, o *Unheimlich* freudiano (Freud, 1919), aquilo que deveria permanecer escondido, secreto, mas que veio à tona. O estranho freudiano se refere àquilo que é estranhamente íntimo e familiar, algo que remete ao já conhecido, mas que sofreu um processo de recalçamento e, desde então, não consegue ser acessado pela consciência.

Esse encontro faz com que retorne aquilo que foi recalçado, provocando angústia. Segundo a autora, o estranho manifestado nas situações de que estamos tratando diz respeito ao pacto de silêncio do grupo social ao qual costuma pertencer o analista e do qual usufrui: dispor-se à escuta nessas condições “é levantar o recalque que promove a distância social e permite-nos conviver alegres, surdos, indiferentes ou paranoicos com o outro miserável” (Rosa, 2002, pp. 7-8).

A autora considera que existe uma especificidade na escuta desses sujeitos permanentemente expostos à violência e à exclusão. Ela diz:

É preciso levar em conta que a exclusão do acesso aos bens, a exclusão dos modos de gozo deste momento da cultura tem como consequência no sujeito um efeito de resto. É importante não confundir esse lugar de resto

Ana Maria Gageiro et al.

na estrutura social com uma subjetivação da falta, que promove o desejo. A identificação do sujeito a este lugar de resto, de dejetivo, é um dos fatores que dificulta o seu posicionamento na trama de saber e que vai caracterizar o seu discurso, marcado, por vezes, pelo silenciamento (p. 12).

2.2 Testemunho e temporalidade

Propomos, ainda, uma reflexão sobre a dimensão de uma temporalidade que introduz a possibilidade da inclusão e do reconhecimento através de um ato clínico e político de aposta/suposição de existência de um sujeito de desejo, de um narrador.

Um lugar em que também é possível pensar o conceito de *testemunha*. Temos observado o quanto o espaço/tempo dos plantões desdobra uma dimensão temporal que permite que alguém ali queira ser, incluir-se, pelo brincar e pela palavra e, se possível, elaborar traumas (Kessler, 2017, p. 13).

Walter Benjamin (1985) observa que, na Segunda Guerra Mundial, os sobreviventes voltavam mudos das trincheiras porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras. Em *O narrador*, ele esboça a ideia de uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre cacos de uma tradição em migalhas. Para Gagnebin (2006), tal proposição nasce de uma injunção ética e política:

Não deixar o passado cair no esquecimento. Esse narrador seria a figura do trapeiro, do catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder (p. 54).

Esse narrador sucateiro não tem por alvo recolher grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação. O que são esses elementos de sobra do discurso histórico? A resposta de Benjamin é dupla: em primeiro lugar é o sofrimento indizível; em segundo lugar, aquilo que não tem nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro (Gageiro et al., 2015).

Somos nós, trabalhadores, também narradores, que estamos recolhendo os cacos, os detritos, para que nada se perca dessa violência e exclusão, seguindo sem palavras ou qualquer possibilidade de elaboração? Trabalhamos nesta comunidade

há 8 anos. Aprendemos, com o tempo, a contextualizar algumas brincadeiras das crianças, ou até mesmo a ausência delas.

Muitas vezes, no desdobramento das brincadeiras, acabamos nos deparando com situações emblemáticas como as duas cenas narradas a seguir, ocorridas em dias diferentes.

Em uma delas, nenhuma brincadeira se montava. Todos os brinquedos foram espalhados pelo pátio e destruídos com muita violência. As intervenções não surtiram qualquer efeito. Um menino de 3 anos passou a tarde enterrando bonecas, alheio ao caos do pátio. Todos os trabalhadores da Casa, ao se aproximarem, não conseguiam produzir qualquer deslizamento naqueles fatos, repetidos à exaustão. Quase ao final, uma trabalhadora se aproxima com um caminhão e propõe a ele uma nova brincadeira: fazerem um carregamento de terra para a casa do primo que brincava um pouco distante. Ele aceita e consegue, assim, sair do interminável e angustiante enterro. Importante dizer que muitas das nossas intervenções com as crianças pequenas ocorrem sem um adulto cuidador, pois elas são trazidas à Casa por seus irmãos um pouco maiores. As histórias das crianças e do próprio território vão sendo construídas *a posteriori* nas reuniões de equipe, nas quais costumamos fragmentos de relatos e repensamos as intervenções e o diálogo com a rede de proteção à infância.

Duas ou três semanas após esta tarde, encontramos toda a vila em efervescência. Crianças e mulheres falavam ao mesmo tempo, movidas pelo desespero. Ninguém dormira aquela noite e em outras tantas. A polícia estava ingressando violentamente nas casas durante as madrugadas, implementando um clima de terror em toda a vila. Um rapaz, usuário de crack, tinha sido espancado pela polícia, no meio da vila, durante a madrugada inteira. Seus gritos acordaram a todos. O medo impediu qualquer ação. Foi espancado quase até morrer e, ainda pela manhã, estava sem socorro médico. Quando chegamos à Casa, o pedido das mulheres foi para que ligássemos para o serviço municipal de ambulâncias, pois talvez nós da universidade seríamos atendidos. Por ser um território controlado pelo tráfico, os serviços do Estado estão praticamente ausentes e os pedidos de ajuda não são atendidos. É digno de nota que a única pessoa que teve coragem de tirar o rapaz espancado da rua e colocá-lo dentro de casa, fornecendo-lhe abrigo, foi um sujeito psicótico.

As crianças falaram de suas vivências naqueles últimos tempos e contaram as histórias de terror vividas por elas, assim como por seus familiares e vizinhos durante as madrugadas. Após romperem o silêncio provocado pelo medo e também pelo acordo velado do próprio território, elas pedem para brincar. Começam a se fantasiar, linda e coloridamente. A primeira brincadeira que montam é “Seu lobo

Ana Maria Gageiro et al.

está? Vou passear no bosque enquanto seu lobo não vem”. Correm pelo pátio, fugindo do lobo mau. Freud já nos apontava que as crianças brincam ativamente com as situações vividas passivamente. Após nos contarem do horror, podem então fugir do lobo mau. Em seguida, montam uma terreira de Umbanda. As crianças criam fantasias de pais e mães de santo, pedindo para que uma trabalhadora vista uma saia e entre na brincadeira para “aprender como se faz”. O convite não era para brincar com eles, dançar ou cantar, apenas ver, aprender. As crianças passaram a tarde incorporando orixás, rodando as saias, cantando, e a trabalhadora ali sentada observando, testemunhando todos os movimentos, sua sabedoria com os orixás, pretos velhos e ciganas. Escutando seus cantos e pedidos de proteção, sustentando um tempo/espço simbólico diverso do vivido durante as noites de terror na vila.

Para as crianças, a brincadeira de Umbanda teve um efeito de apaziguamento. Seus pedidos foram escutados por alguém. Até as pessoas na rua pararam para olhar a linda brincadeira. Toda a equipe esteve com eles escutando o horror e depois, sustentando um Outro espaço/tempo. Testemunhamos os relatos e também a potência criativa destas crianças. Quando o sujeito é escutado, é possível descansar, apaziguar a angústia vivida desde a noite anterior. E foi assim que as crianças acabaram a brincadeira e seguiram para suas casas bem antes do fim da tarde. O tempo lógico estabeleceu o fim do nosso trabalho naquele dia.

Retomando o conceito de *testemunha* em Gagnebin (2006), ela nos diz que não se trata daquele que viu com seus próprios olhos. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro, uma vez que a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do que foi vivido pode ajudar não só a não repeti-lo, mas também a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

Trazemos aqui, através do sonho de Primo Levi, o horror da ausência da escuta. Primo Levi, quando era prisioneiro no campo de Auschwitz, descobre um sonho recorrente de quase todos os seus companheiros e dele mesmo. Eles sonham com a volta para casa, com a felicidade intensa de contar aos próximos o horror já passado e ainda vivo e, de repente, percebem com desespero que ninguém os escuta, que os ouvintes se levantam e vão embora, indiferentes. Primo Levi (Levi, citado por Gagnebin, 2006) pergunta: “Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena sempre repetida da narração que os outros não escutam?” (p. 55).

Gagnebin (2006) considera também o personagem que levanta e vai embora, agindo com indiferença. Há uma escolha aí que é preciso considerar. Não devemos pedir desculpas quando, por sorte, não somos os herdeiros diretos de um massacre; e se, ademais, não somos privados da palavra, mas, ao contrário, se podemos fazer

do exercício da palavra um dos campos de nossa atividade, então a nossa tarefa consistiria, talvez, em restabelecer o espaço simbólico onde se possa articular um terceiro – aquele que não faz parte do círculo infernal do torturador e torturado, do assassino e assassinado, ou seja, aquele que, inscrevendo um possível alhures fora do par mortífero algoz-vítima, dá novamente um sentido humano ao mundo.

Ao lidar com situações de tamanha violência, há o risco de ser acometido pelos discursos vitimizantes, culpabilizantes ou que pretendem afirmar a verdade definitiva sobre o que é a violência, o crime, a dor e tudo aquilo que acaba fechando os caminhos para a escuta. O risco, segundo Endo (2005), é que, em vez do testemunho, teremos apenas um “discurso aferrado a si mesmo, inseguro da própria verdade frágil que veicula, ela também imersa na dúvida e que, por isso, tende a se proclamar repetitivamente e à exaustão, tornando irrisória – e não essencial, como no testemunho – a presença do interlocutor” (p. 265).

É no testemunho, a partir do encontro mediado pela escuta, que pode haver compromisso e responsabilidade sobre o que se diz e se escuta. Este encontro, para que exista uma escuta (como define a psicanálise), é mediado por um “princípio de ignorância” (Ibid., 2005, p. 265) tanto de quem escuta como de quem fala, a fim de que o ainda não sabido possa surgir. Ou seja, que este não sabido possa sair da condição de objeto-dejeto que a sociedade o coloca, de maneira que a falta-a-ser não signifique uma ameaça, mas como encontro com o qual pode se produzir o novo (Rosa, 2008, p. 13).

A aposta do projeto/programa que estamos desenvolvendo é a de ser esse terceiro que permite, pela sua presença e pelo seu desejo de manutenção do espaço e da escuta, abrir brechas no tempo, frestas no tempo. O tempo faz o sentido se abrir. É preciso instaurar um tempo para falar das invasões, das violências. Nossa aposta é na escuta psicanalítica e na sua potência de produzir efeitos estruturantes e organizadores.

3. Tempo de novos olhares

Testemunhamos a vida crua, mas também todo o fascínio que os livros podem suscitar nas crianças. A Contação de Histórias é um dispositivo potente na construção de uma ponte entre a violência e a escola. Brincamos ludicamente com letras e livros, percebendo que as crianças frequentadoras da Casa desde pequenas se beneficiam da experiência exploradora do mundo simbólico tão essencial à escrita e à leitura. A polissemia da palavra, por vezes soterrada na violência do território, é reencontrada simbolicamente junto à leitura de novas histórias, heróis e heroínas.

Ana Maria Gageiro et al.

Desde 2018, estamos às voltas com a construção de uma biblioteca comunitária. Há bastante tempo instauramos um protótipo de empréstimos de livros infantis como forma de estimular o desejo da leitura e de instaurar a curiosidade sobre esse código maravilhoso, a língua escrita.

Uma menina chega com um livro de histórias nas mãos, pronta para devolver depois de um acordo de empréstimo. Conta que sonhou que deixava o livro cair na água e o perdia. No sonho, a mãe da menina brigava com ela e como castigo a proibia de voltar à Casa dos Cata-ventos. Outra criança, que estava sentada ao lado, atenta à história do sonho, de pronto se antecipa: ‘Mas então não foi um sonho, foi um pesadelo!’” (Costa, 2019, p. 43).

Nossas crianças são analfabetas ou analfabetas funcionais, e não deixamos de oferecer a elas as letras, as palavras, os contos e os livros. Não pretendemos ser alfabetizadores e fazer uma suplência do papel que cabe à escola. Contudo, sabemos que a aprendizagem e a alfabetização são vias imprescindíveis para entrar na civilização, não apenas no sentido das possibilidades de inclusão no mercado de trabalho, o que não é pouco, mas das possibilidades de acesso ao simbólico. É a partir desse conhecimento que se abrem importantes caminhos de escolha e inclusão. É ancorado na oferta de lápis, livros, letras e contos, nem sempre presentes na realidade das crianças, que emerge o desejo de ler, aprender, escrever.

Jessé Souza (2012), sociólogo brasileiro, aponta que uma das vias da exclusão da classe social que ele chama da “ralé brasileira” é justamente estar fora das aprendizagens, das condições de possibilidade para o ingresso no mundo da escola e do trabalho. Ao favorecer o encantamento com letras, livros e histórias, estamos abrindo horizontes inéditos de simbolização e de inclusão e, com isso, criando novas possibilidades de desejo.

As crianças que frequentam a Casa dos Cata-ventos são oriundas de famílias com tamanhas dificuldades de acesso aos bens sociais que, para elas, a escola e as possibilidades que podem se abrir com a escolaridade são tão distantes que o conhecimento quase é uma quimera com a qual não se sonha. Nossa equipe, enquanto representante do Outro social, se propõe a oferecer olhares que sustentem o caminhar desses pequenos em direção a um fim: o acesso ao sujeito de desejo, de conhecimento e, posteriormente, de direitos.

Acreditamos que as palavras, os livros e os contos torçam o pescoço da violência, ao passo que o encontro com o encantamento da riqueza simbólica modifica destinos, abrindo frestas no real do desamparo.

4. Tempo de sustentação do desejo

A Casa dos Cata-ventos é uma intervenção psicanalítica na cidade e também é um campo de formação. Ela está sob constante reconstrução. A leitura do sofrimento, da sintomática das crianças e adolescentes, das inúmeras dificuldades escolares, dos movimentos territoriais por poder e por sobrevivência e, por fim, das implicações transferenciais dentro da equipe promovem um contínuo trabalho *a posteriori*.

Trabalhar na sincronia e diacronia da constituição psíquica de muitas crianças é um trabalho delicado. Não as recebemos de maneira individual, e sim em grupos, para brincar, contar histórias ou apenas conversar. Quem as recebe são alunos em diferentes tempos de formação ou jovens profissionais em residência multiprofissional. Para muitos, a psicanálise é uma referência ainda distante, enquanto a análise pessoal, ou qualquer outra forma de tratamento psíquico, várias vezes se encontra ausente ou em um momento inicial. Dentro desse contexto, não é difícil inferir o grau de sofrimento em que muitas vezes a equipe se encontra.

Se a inibição na escola e o silenciamento das situações de violência constroem um sentido que impede a cadeia simbólica de seguir seu eterno desdobrar, o que resta a quem as escuta? O que pode quem escuta? Talvez possa devolver o enigma a quem fala, possibilitando a abertura dos sentidos e auxiliando o sujeito a reconhecer onde claudica ou a simplesmente retomar sua cadeia significante de outra forma.

A escuta de crianças, adolescentes e jovens em formação, em um trabalho clínico tão complexo como a Casa dos Cata-ventos, necessita da abertura proposta por Lacan ao final de seu ensino. Se múltiplos são os Nomes-do-Pai, múltiplas serão as singularidades de quem trabalha e, também, de quem vai à Casa brincar, conversar e contar histórias.

Compor uma equipe é poder estar atento aos diferentes sujeitos e suas capacidades e, talvez, o maior desafio presente na Casa dos Cata-ventos seja a sustentação da dupla função de escuta, do trabalho com as crianças e dos trabalhadores/alunos. Uma escuta capaz de produzir a transmissão da Psicanálise em uma construção clínica com os atendimentos de crianças, mas que não deixe de fora os sujeitos/alunos e suas formações inconscientes. □

Ana Maria Gageiro et al.

Abstract

Once upon a time... Cata-ventos. Children and adolescents psychoanalytic listening in socially vulnerable territories

This article presents a psychoanalytical intervention in Porto Alegre city: Casa dos Cata-ventos (Swirl Toy House). It is inspired by Dolto's Structures and works with children and adolescents in socially vulnerable territories, just as Casa da Árvore (Tree House) in Rio de Janeiro. The complexity of this intervention is associated with its invention process, with the bet on the word as a civilizing instrument, with symbolic opening possibilities to the silence caused by violence, with transference listening of playing and school difficulties, and lastly with Psychoanalysis formation transmission.

Keywords: Psychoanalysis in the city; Psychoanalytical intervention; Childhood; Adolescence; Social vulnerability

Resumen

Había una vez... Catavientos. Escucha psicoanalítica de niños y adolescentes en territorio socialmente vulnerable

El presente artículo presenta una intervención psicoanalítica en Casa dos Catavientos, ubicada en Porto Alegre, RS (Casa de los Molinillos). Se inspira en las Estructuras Dolto y como en la Casa da Árvore (la Casa en el Árbol), de Rio de Janeiro, trabaja con niños y adolescentes en territorios socialmente vulnerables. La complejidad de esta intervención se encuentra en su proceso de invención, por la apuesta en la palabra como instrumento de la civilización y de apertura simbólica en los silencios provocados por la violencia, en la escucha transferencial del jugar y de las dificultades escolares y, finalmente, en la formación/transmisión del Psicoanálisis, presente en todo el proyecto.

Palabras clave: Psicoanálisis en la ciudad; Intervención psicoanalítica; Infancia; Adolescencia; Vulnerabilidad social

Referências

- Beltrame, A. & Sousa, E. (2013). A Casa dos Cata-ventos: uma aposta na dimensão política do brincar. *Revista da APPOA*. (45-46): 122-134. Recuperado de: <http://www.appoa.org.br/revista/desamparo-e-vulnerabilidades/1028>
- Beltrame, A. & Tavares, E. (2016). A margem da transferência. *Correio APPOA: Tem Cata-ventos hoje?*. (257). Recuperado de: http://www.appoa.com.br/correio/edicao/257/a_margem_da_transferencia/336
- Benjamin, W. (1985). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In *Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Bezerra, Jr., B. (1999). Prefácio: “Tecendo a rede”. In M. C. Vieira, M. C. Vicentin & M. I. Fernandes (Orgs.). *Tecendo a rede: trajetórias da saúde mental em São Paulo*. (pp. 18). São Paulo: Cabral Universitária.
- Bezerra, Jr., B. (2008). Os desafios de um experimento. In, L. Milman & B. Bezerra Jr (Orgs.). *A Casa da Árvore: uma experiência inovadora na infância*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bloch, E. (2005). *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ Contraponto.
- Costa, M. R. (2019). *Casa, corpo e palavra: habita poeticamente o mundo*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação.
- Dolto, F. (1985). *A causa das crianças*. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.
- Endo, P. C. (2005). *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Flesler, A. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- Freud, S. O inquietante (1919). In *Obras completas, História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Gageiro, A. M. & Torossian, S. D. (2016). A Casa dos Cata-ventos: histórias e fissuras na práxis burguesa da psicanálise. *Correio APPOA: Tem Cata-ventos hoje?*. (257). Recuperado de http://www.appoa.com.br/correio/edicao/257/a_casa_dos_cata_ventos_historia_e_fissuras_na_praxis_burguesa_da_psicanalise/340
- Gageiro, A. M., Tavares, E. E., Almeida, R. M. C., Torossian, S. D. (2015). A Casa dos Cata-ventos: uma estratégia clínica e política na atenção à infância. *Correio da APPOA*. (247). Recuperado de http://www.appoa.com.br/correio/edicao/247/casa_dos_cata_ventos_uma_estrategia_clinica_e_politica_na_atencao_a_infancia/226
- Gagnebin, J. M. (2006). *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed 34.
- Jerusalinsky, A. (2011). Gotinhas e comprimidos para crianças sem história: uma psicopatologia pós-moderna para a infância. In A. Jerusalinsky & S. Fendrik (Orgs.). *O livro negro da psicopatologia contemporânea*. (pp. 231-243). São Paulo: Vialettera.
- Kessler, H. P. (2017). *O balanço e o tempo: a escrita da experiência na Casa dos Cata-ventos*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação.
- Lacan, J. (1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In *Escritos*. (pp. 197-213). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Ana Maria Gageiro et al.

- Mãe, V. H. (2017). *A desumanização*. Rio de Janeiro: Editora Globo Livros.
- Milman, L. & Bezerra Jr, B. (2008). (Orgs.) *A Casa da Árvore: uma experiência inovadora na infância*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Rodulfo, R. (2004). *Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rosa, M. D. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Textura Revista de Psicanálise*. (2).
- Rosa, M. D. (2008) Prefácio. In L. Milman & B. Bezerra Jr (Orgs.). *A Casa da Árvore: uma experiência inovadora na infância*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Souza, J. (2012). *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Wottrich, L. (2018). *A casa dos Cata-ventos em cena(s)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação.

Recebido em 07/08/2019

Aceito em 04/09/2019

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Ana Maria Gageiro

Av. Cristóvão Colombo 1919/302
90560-004 – Porto Alegre – RS – Brasil
ag3465@gmail.com

Eda Estevanell Tavares

Rua Germano Petersen Jr, 636
90540-140 – Porto Alegre – RS – Brasil
edatavares@gmail.com

Renata Maria Conte de Almeida

Av. Independência, 1211/310
90035-007 – Porto Alegre – RS – Brasil
renata.almeida36@gmail.com

Sandra D Torossian

Rua Mariante 650//302
90.430-180 – Porto Alegre – RS – Brasil
djambo.sandra@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA